

## **caminho: arte, linhas e desvios poéticos**

*camino: arte, líneas y desviaciones poéticas*

\*Igor Passos Pires

*“as coisas não querem mais ser vistas por pessoas  
razoáveis” (manuel de barros)*

caminho, caminho, caminho. nesse  
caminhar, de repente, tudo começa a estar  
mais lento. na lentidão algumas coisas  
emergem: o que as coisas podem ser  
quando permitidas coisas?

sinto o vento em meu rosto, o gosto  
emerge na boca, o toque dos olhares me  
cutuca, saltam da paisagem papéis no chão,  
pedras formando outros trajetos possíveis,  
formigas formigam em busca do  
formigueiro. tem o sol. as pessoas não  
sorriem. e agora, como pedra, como papel,  
como vento, quero relação, quero propor  
caminhos, quero des/vi/ar. quero paragem  
que adensa o tempo. e é assim que se inicia  
um devir-artista. sinto no corpo o caos que  
de/compõe o mundo.

p\_r\_p:

a\_e\_e

u\_s\_n

s\_p\_s

o\_i\_o

\_r\_

\_o\_

*artista*: aquele/a que faz arte. segundo o  
*google*<sup>1</sup>, artista é “aquele que cultiva as belas-  
artes; é aquele que tem habilidade ou  
vocação artística” (2019). segundo gilles  
deleuze e félix guattari, “o artista é  
mostrador de afectos, inventor de afectos,  
criador de afectos, em relação com os  
perceptos ou visão que nos dá” (1992:  
207).

na mistura de conexões neurais que me  
fazem pensar referencialmente,  
enquadrado em uma linearidade do  
pensamento, descubro: artista é aquele/a  
que vê o mundo. vê o mundo enquanto  
potência criadora: “no meio do caminho  
tinha uma pedra/ nunca me esquecerei  
desse acontecimento”. vê, percebe, sente o  
mundo em seu caos, mas não vive tal des/  
ordem como negatividade, ao contrário, a  
vive como força que motiva a criação.  
Revel/ação: não há linearidade. é que o  
movimento criador em arte faz a/o artista  
amar o mundo, primeiro amor. amor que  
faz tudo se tornar primeiro novamente,  
novo, inominado. criar em arte re/torna  
ao/a artista à primeiridade<sup>2</sup> do mundo:  
tudo ainda é possível: contaminação  
estética que amplia os horizontes,  
desmancha mundos para que outros se  
tornem possíveis. artista é aquilo que não  
tem medo de (se) delirar (n)o verbo<sup>3</sup>:

*O artista, no mundo, é vida, participa da  
vida, traz vida às pessoas-robôs, permeia  
os porquês. O artista na rua, seja física ou  
virtual (internet), compõe e decompõe. [...]  
O artista é um fugitivo, traidor, desconfia  
das regras, dos espaços ditos públicos e da  
civilização. (ALBUQUERQUE,  
MEDEIROS, 2013: 30)*

coisa sensível que vê transbordar no  
mínimo toda potência de uma coisa viva;

artista é aquilo que se afeta e se deixa dançar uma dança que sai a contaminar outros e outras e isso é aquilo.

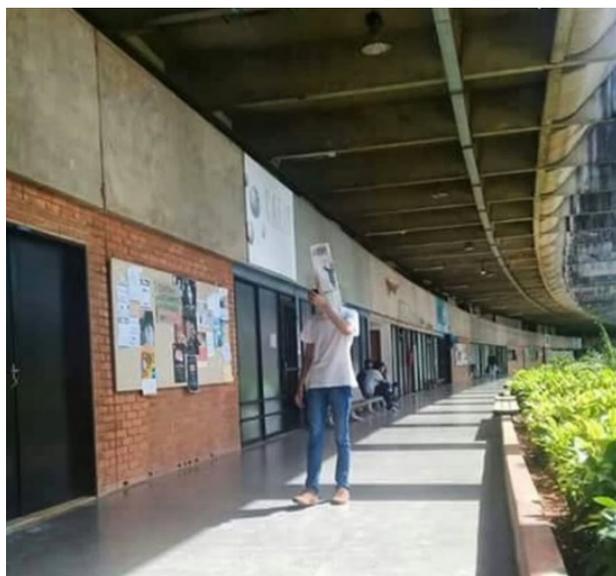


Figura 1: ação linha em movimento. acervo pessoal

sor.....no.....a....ca  
... ri.....tor.....min  
.....o.....e.....re.....nada

faço o caminho de retorno para casa, paragem confortável em que posso ser ainda. “a casa é o nosso canto do mundo. ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (BACHELARD. 1989: 24). digerindo o que aconteceu no caminhar, penso na maior necessidade que me invade, parar: criar paisagem no movimento da cidade. em devir-artista, permitir em mim a *coisidade* do mundo: sem funcionalidade, dança no presente para ser relação com o que há no caminho. habitar o espaço com vontade de romper a veia que circula

dentro do corpo: deixar escorrer pelo agora corpo-coisa, o sangue, fluidos, h<sub>2</sub>O, carbono, afecto, sentido, vontade, desejo, pulsão, memória antes contidos dentro de uma malharia esquadrihada, sentada, oprimida. na paragem, em devir-artista o corpo se joga na querência de estar corpo sem órgãos (DELEUZE, GUATTARI, 1996).

alguma coisa acontece. o mundo é o r ganis m o v iv o,

no instante seguinte retorno a caminhada. agora, segundo anterior, caminho equipado com tudo aquilo que estava encoberto na velocidade da cidade – a potência da coisa em si: jornal, vidro que reflete, algo que grude, desejo, modos de criar uma linha que corta o espaço.

caminho, caminho, caminho. até sentir o chão conversar com o caminhar. quando isso acontece sei: o lugar foi inventado. é que o lugar também pede relação, chama, convida para fazer poesia. res/piro, sus/piro, peço licença às coisas. com o jornal, vendo o rosto. seguro o vidro que reflete em frente a meu novo rosto, reflexo que me guia (será?). agradeço a possibilidade de poder ativar novos modos de relação: me encontro com os outros possíveis. res/piro novamente e começo a caminhar aparentemente em linha reta.

movimento em linha reta. corpo devir-artista que busca no desacelerar, relação atual com o mundo. em que quero chegar? em uma movência que me leve em linha reta. eis o programa da ação.

pausa. pausa. pausa. pausa. pausa no movimento de escrita, de lembrança, de produção.

brasilíia. asa norte. asa sul. metrô. ministérios. espaços bem desenhados. as ruas guiam o passo rápido dos/as transeuntes. calçadas. desvios. as ruas



guiam o passo rápido dos/as transeuntes. nas ruas emergem, a partir de sua arquitetura, a fantasia da linearidade. acreditamos andar em linha reta, corpo fechado aos desvios, aos acidentes, às rachaduras do caminho. fantasia da linearidade. a arquitetura dos espaços não

permite o sentimento de corda bamba, deslocamento caótico, incerteza, encontros com a errância. até mesmo os desvios são planejados, esquadrinhados, permitidos.

e eu cria na fantasia da linearidade. até tentar me movimentar em linha reta.

retorno. retornar. voltar novamente? não. desvio poético e político.

a ação acontece na universidade de Brasília, no instituto central de ciências. sabemos, racionalmente que esse espaço possui uma curvatura, mas na prática do corpo o saber não está contaminado, não gera sentido.

sinto o chão inventado – lugar que me acolhe. respiro. cubro o rosto. coloco o vidro que reflete na frente de minha nova face para me guiar. respiro. inicio a linha. falsa fantasia da linearidade. dois movimentos invadem o corpo-eu:

*primeiro movimento ou o espanto do corpo-eu em se perceber caos*

minha retina só captava a luz que o jornal permitia. só enxergava a cor meio

amarelada do jornal. como caminhar? é aí que me sussurram aos ouvidos um fato: o olho quer dominar. o olho que só se relaciona com o que está além de si não permite a insegurança. o olho segura e assegura. dispositivo da fantasia da linearidade. sem minha bússola (moral? colonizadora? distanciadora?) que é a visão, como consigo me relacionar e, ainda, transitar pelos espaços? como ter linearidade sem aquilo que me situa como outro no mundo?

nesse momento corpo-eu se integra ao mundo. coexistência. coengendramento. a singularidade se dissolve e sou invadido (e invado) um novo modo de ser-mundo. sem a visão o que me resta é ativar os outros sentidos, é me jogar no não saber, na paragem, no precisar tatear com calma, com o corpo o que está à frente, já que agora estrangeiro, não sei se à frente existe um horizonte a ser experimentado ou um abismo de nada. corpo-eu, que não vê, mergulho na insegurança, a tenho como parceira, como bússola.

e o prazer da insegurança logo toma o lugar do medo. é um conhecer o lugar novamente. ser mundo em contato direto com parte do sensível que (me) atravessa cotidianamente. é que sem enxergar, precisando ativar os outros sentidos, retorna-se ao corpo-eu o poder de questionar.

sinto todo um mundo se inventar e, assim, na falta de palavras que assentem ou situem o que está acontecendo na caminhada, faço-sou arte:



Figura 2: ação linha em movimento. acervo pessoal

*Arte como vida, arte como mundo, arte como estratégia visual; arte para dançar, para protestar ou, simplesmente, como fuleragem. Arte como alívio, arte como percepção e como afeto. Outros caminhos: simples perambular que gera arte, parte, anzóis, ou apenas jogo de palavras que, por remexê-las, re-vela um outro. A arte não tem função comunicativa, nem busca novas ideias. Comunicar é transmitir conteúdo traduzível em linguagem, logo, inteligível. A arte toca os onze sentidos e o sentido.* (ALBUQUERQUE, MEDEIROS, 2013: 25)

nessa caminhada, agora não mais em linha reta – corpo liberto de sua falsa fantasia, descobrindo os círculos, os desvios próprios, as veias inventadas na errância – trombo com outros corpos. os corpos não humanos, quando, com delicadeza percebidos, propõem relações. os corpos humanos, mesmo com delicadeza, não aceitam os convites de relação. Distanciam-se e, se param, é para perguntar o motivo daquilo, qual o fim? – nenhum. inutilidade poética, invenção de mundos, de relação –, para além do andar o pensamento e a intencionalidade funcionam em linha reta, em dominação. mas e no corpo-eu, agora devir-artista, errante, *flâneur*, a linguagem do outro ainda atravessa? sim. Atravessa e ri da forma: de/forma em confrontação:

*A confrontação com o outro pode ser efetivamente encontro, mas também nada. Às vezes confrontações se fixam, outras passam através, algumas perfuram realmente, outras acariciam. [...] o encontro com o outro, o olhar no outro são relações realmente mágicas, como queria Sartre. Elas são mágicas justamente por serem improvisos: inefável. Toda espera pode ser partida. A imprevisibilidade é intrigante.* (MEDEIROS, 2005: 117-118)

o que invade com a novidade do possível, como possibilidade de desvio à norma, é

logo questionado, negado. Em movimentos micropolíticos, os personagens que cruzam esse, agora, errante, *flâneur*, goram, mas não se permitem o pouso no movimento para experimentar, pensar, jogar com isso que não é entendível e, assim, logo grudam novamente na malha existencial que os mantém (falsamente) lineares (ROLNIK, 2006). a racionalidade gera medo da perda de chão. não permite o ousar do voo em queda livre.

antes do segundo movimento, uma

pausa.

aceita uma história quentinha?

hoje, retornando para casa, choveu. e olhando a chuva, durante o engarrafamento, é nítido: a natureza desregula, derruba, desfaz toda fantasia da linearidade, do controle. A chuva, por exemplo, causa desvios para lugares não pensados. Ao cair uma árvore, corrompe-se a passividade da natureza, gera-se uma paisagem viva. Os bueiros transbordam, trazendo à tona o que estava escondido: tanto coisas como falhas governamentais. A natureza, em sua ação, re/vela tudo que está escondido, propõe relação entre as pessoas, convida para outros trajetos. Impõe a paragem nos engarrafamentos.

a natureza, em sua movência in(ter)ventiva, ativa no sujeito um espanto para o extra/cotidiano, assim como o movimento de criação, para o artista: o pulsar do mundo em seu caos leva tanto artistas (e o espanto da criação) como não artistas (e o espanto causado pela natureza) a uma constatação: estamos vivos e em constante (de)composição; invenção de mundos.

E nesse espanto gerado, a natureza (agora um tanto artista) convida-nos para um pique-esconde que ela sempre ganha. Dá a ver diversos dispositivos de controle que ultrapassam o modo de agir unicamente institucional (AGAMBEN, 2005).



sobre esses dispositivos, o chinelo.

ao descer do ônibus, ainda preciso caminhar cerca de 20 minutos, aparentemente em linha reta. Começo os passos, já perdendo a linearidade por todos os convites causados pela água de chuva que corre criando veias no caminho. estou de sandália de dedos, eis que começa a ser incômodo andar com ela. aceito mais esse convite e dispo meus pés. espanto com o vivo. o contato direto entre chão e pé revela um mundo antes ignorado. o pé sente o impacto duro do asfalto, antes amortecido pela sandália. a água se mistura com a sola dos pés. é preciso mais tempo para andar, sinto terra, sinto pedra, sinto desliz. e assim a natureza me con/vida a viver o espaço. sem uma proteção que me dá velocidade, falsa segurança e controle. percebo: o calçado também é dispositivo de controle, assegurador de uma falsa movência, de uma falsa liberdade de movimento. com ele conseguimos apenas ignorar tudo que não está no nosso trajeto planejado, linearizar o desejo. mas nesse momento, descalço, preciso estar-com o chão, observo, desvio, me percebo organismo vivo em movimento. brinco com o que vou encontrando no trajeto. o pé descalço encontra vidas tantas, me obriga diversas paragens e percebo: não há nada de linearidade. caminho rizoma. (de)composição, contaminação, pensar. o trajeto que duraria cerca de 20 minutos se alongou para 35 e se alonga agora por meus dedos. o corpo há de lembrar.

*segundo movimento ou como produzir para si um corpo em arte<sup>4</sup>*

para deleuze e guattari (1992), a arte luta contra o caos, não para exterminá-lo, mas para torná-lo sensível. como nosso corpo, em ação (performance, performance arte, ação artística, fuleragem, arte corporal... como queira), permite esse movimento? a ação Linha em Movimento, descrita,

poetizada, levantada nesse texto me trouxe algumas possibilidades, ei-las:

é preciso parar e reparar. além de parar e reparar, questionar. além de questionar, se permitir brincar no abismo entre o que existe e o que não existe. para além do abismo, para se ter um corpo em arte, é preciso saber des/vi/ar, ir além, corpo, pensamento, sentido, episteme. é que desviar desloca o mundo todo, movimento que transporta o corpo para o nada. nado no ainda inexistente. arte é forma de abismo (ALBUQUERQUE, 2018). Para além de desviar é preciso conseguir produzir formas de entrar em devir-coisa, ou seja, não cobrar valor, não tentar dar função, deixar que corpo em ação seja apenas corpo em ação (LEPECKI, 2012). Para além de formas de devir-coisa, é preciso acreditar e creditar, ver possibilidade de arte em tudo. Para além de acreditar, é preciso não ter medo de não saber. Para além de não ter medo de não saber é preciso não ter medo do que foge à dita normalidade. Para além do não ter medo é preciso propor novas possibilidades para além dessas.

Corpo em arte é aquele que debocha da forma, vive para além do esperado, não se fixa em nada, duvida de tudo, ri de si. sabe ser inútil. Tem pavor de definições infinitas. Corpo em arte é o próprio caos sensível.

a n d a sentindo o mundo  
desvendo t u d o.

inventa

dança sem saber dançar

aceita convites inumanos

corpo em arte é contaminação. estética em relação intrínseca com a política, assim como afirma Jacques Rancière: “se existe uma conexão entre arte e política, ela deve

ser colocada em termos de dissenso – o âmago do regime estético” (RANCIÈRE, apud. LEPECKI, 2012: 43). dissenso que voa, pulveriza sem saber o que há de brotar ou o que há de se perder. Corpo em arte vive a vida como estética, política, dissenso e invenção.

corpo em arte, por pausa (para não ousar finalizar), cobre o rosto para (se) abismar (n)o mundo.

LEPECKI, André. *Coreopolítica, Coreopolícia*. Florianópolis: Ilha, v.13, n.1, p.41 – 60, jan/jun, 2012.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aisthesis: Estética, Educação e Comunidade*. Brasília: Editora Argos, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983

### referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. *Revista Outra Travessia* n. 5, Ilha de Santa Catarina - 2º semestre de 2005 (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>)

ALBUQUERQUE, Natasha de. *Arte contemporânea, fuleragem e iteração: tanto faz se é performance ou não*. 2018. 208 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ALBUQUERQUE, Natasha de; MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Composição Urbana: Surpreensão e Fuleragem*. Rio de Janeiro: SESC, 2013, p. 24 a 35.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, v.3 São Paulo: Editora 34, 1996

LEPECKI, André. Nove variações sobre coisas e performance. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 2, n.19, p. 93-99, nov. 2012.



**resumo:** o presente texto caminha entre teia de relato poético, contaminação conceitual e reflexão processual; é uma tentativa de escrita que se quer processo, saber em devir, produção artística; é relatada-analisada-contaminada o processo de composição e a ação “linha em movimento”, desenvolvida em 2018.

**resumen:** *el presente texto camina entre la red de informes poéticos, contaminación conceptual y reflexión procesal; Es un intento de escribir que quieres proceso, saber en devinir, producción artística; el texto informa, analiza y contamina el proceso de composición y la acción "línea móvil" desarrollada en 2018.*

\* **Igor Passos Pires** é graduando em Artes Cênicas pela UnB e possui interesse em performance, além de buscar interfaces entre arte e filosofia.

### Notas

<sup>1</sup> falando de arte como dizer o que é confiável? a partir da dúvida, permito fontes outras, que façam pensar, que façam pirar, que façam delirar na querência de inventar novos horizontes para a prática.

<sup>2</sup> Primeiridade aqui como nos anuncia Lúcia Santaella ao comentar Pierce: “Se fosse possível parar, para examinar, num determinado instante, de que consiste o todo de uma consciência, qualquer consciência, a minha ou a sua, isto é, de que consiste esse labiríntico “lago sem fundo”, num instante qualquer em que é o que é, por que é tudo ao mesmo tempo, repito, se fosse possível parar essa consciência no instante presente, ela não seria senão presentidade como está presente. Trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) in totum , indivisível, não analisável, inocente e frágil.” (SANTAELLA, 1983: 43)

<sup>3</sup> Roubo ou homenagem a Manuel de Barros e seu livro das ignoranças. Acredito que Barros propõe uma poética da invenção, um real, alargadora de horizontes.

<sup>4</sup> Roubo ou homenagem e pensamento a Gilles Deleuze e Félix Guattari e o título do texto Como criar para si um corpo sem órgãos, contido no livro Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia v.3.